



## DAS GRANDES TELAS DO CINEMA PARA SALA DE AULA: O DISCURSO CINEMATOGRAFICO COMO ELEMENTO COMPLEMENTAR NO ENSINO DE HISTÓRIA

Divany Elizabeth Ramos do Nascimento

Antes que nos debruçemos sobre o elemento cinematográfico como alternativa reflexiva em sala de aula, é necessário que pensemos tal objeto em sua inicial contribuição. Na verdade para que servia o cinema em seus 1895? E como as pessoas enxergavam seu discurso ao longo da passagem das cenas? Essas e outras perguntas que estaremos fazendo ao longo do projeto servem para pensarmos sobre essa análise fílmica hoje.

Ao tratarmos sobre o “aparecimento” do cinema, podemos atribuir especificamente mais ao século XIX, período que houve, além dos avanços técnico-científicos, grandes riquezas no âmbito artístico e cultural, nascendo uma sociedade capitalista voltada para uma nova visão de mundo. E mais ainda, quando Lilia Schawrcz e Angela Costa afirmam que “o final do século XIX representa o momento do triunfo de uma certa modernidade que não poderia esperar.”<sup>1</sup>, ficando claro que os acontecimentos da época, a influência intelectual que as pessoas passavam a ter acesso, em busca da razão fazia com que contribuísse para o surgimento dessa modernidade, mesmo que esta não estivesse, pelo menos de início, ligada a um projeto de sociedade.

Juntamente com vários intelectuais que – dispostos – trabalharam nas diversas áreas como Literatura, Sociologia, Artes, no período que chamamos de Iluminismo, em que existia a pretensão de “iluminar” as pessoas e “clarear” suas mentes, permitindo que houvesse uma busca de elementos para que as pessoas se sentissem mais satisfeitas com suas vidas, vindo a explorar suas condições ora privado, através da sua subjetividade, do “eu” enquanto sujeito, ora público, através dos inventos na busca da felicidade, do bem estar. Termos estes que ao longo da modernidade<sup>2</sup>, estiveram atrelados ao progresso científico.

<sup>1</sup> COSTA, Angela Marques da. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Virando Séculos 1890-1914: No tempo das certezas**. São Paulo, Companhia das letras, 2000. Pág. 9.

<sup>2</sup> BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999. Pág 12.

Sabendo ainda que para ocorrer tal progresso compartilhado à utilização da ordem sobre os acontecimentos, devemos lembrar que por volta dos séculos anteriores essa ordem era algo vindo do divino, como organização de Deus, acreditando-se que ela existia de maneira natural, sem que houvesse a contribuição humana para tal. Mas, agora modernamente falando essa ordem seria atribuída quanto ao *projeto e ação*<sup>3</sup>, de acordo com Bauman, “...a ordem como obsessão”.<sup>4</sup>

Através da análise sugerida por Bauman, é possível inferir que a sociedade estaria caminhando para a ordem, esta que não era percebida da maneira a qual sua existência já bastava, mas estaria muito mais pertencente a discursos e práticas feitas por aqueles que “entendiam” de qual maneira a ordem poderia ser colocada para que se obtivesse o sucesso almejado. Assim, atrelado à ordem e às certezas,

“a modernidade como um tempo em que se reflete a ordem – a ordem do mundo, do hábitat humano, do eu humano e da conexão ente os três: um objeto de pensamento, de preocupação, de uma prática ciente de si mesma, consciência de ser uma prática consciente e preocupada com o vazio que deixaria se parasse ou meramente relaxasse.” (BAUMAN, Zygmunt. Modernidade e Ambivalência)

Termo utilizado durante toda a construção do moderno, fazendo perceber que a ordem só ocorreria caso houvesse uma repressão socialmente organizada e consciente para almejar o objetivo, fazendo perceber que, por exemplo, os regimes totalitários farão bom uso dessa repressão, aliada ao discurso de poder, como legitimação da verdade.

Esse era o momento de realizações e práticas de projetos que o ser humano poderia controlar, já que este conhecia os processos mentais da construção dessa sociedade que estava a surgir e não mais seria percebida da mesma maneira. Dessa forma, vale ressaltar que a obra de Angela Marques e Lilia Schwarcz, nos mostra tanto o sucesso das invenções como as consequências destas que também faziam parte da mesma realidade, como por exemplo, “a mesma energia elétrica que levava luz às cidades, era a mesma que provocava choques e muitos deles sendo mortais”.<sup>5</sup>

Tudo era muito novo e extraordinário para os indivíduos participantes da época, a velocidade, a luz e uma das que revolucionariam esse fim de século: o Cinema ou como em sua época de esplendor, cinematógrafo. Instrumento este que provocava naqueles que assistiam uma sensação de que o que estava na tela a qualquer momento poderia sair dela,

<sup>3</sup> BAUMAN. 1999. Pág 14.

<sup>4</sup> Idem.

<sup>5</sup> COSTA, Angela Marques da. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Virando Séculos 1890-1914: No tempo das certezas**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000. Pág, 11.



“com projeção em tela gigante – de 25 por quinze metros – de filmes de Louis Lumière, no *Grand Café de Paris*. ”<sup>6</sup>

Sabemos que embora existam os acontecimentos, o que vão organizá-los em termos de informações para que possamos compreender qual raciocínio carrega, será o olhar historiográfico, justamente, por conseguir perceber se o fato está sendo entendido pelo espectro econômico, político ou cultural, por exemplo.

Dessa forma, os conteúdos históricos podem apresentar consigo várias maneiras de serem analisados, através de pequenos textos, como excertos, parágrafos de obras literárias ou mesmo de revistas em quadrinhos que podem ser utilizados tanto na Academia como em sala de aula. Isso, por sua vez, só foi possível graças à inovação da leitura da história ou do “fazer história”, proveniente da *École de Annales*, por volta do século XX.

Diante dessas novas possibilidades de abordagens percebemos o quanto a utilização de imagens, quadros de arte, retratando um período histórico e ainda o cinema, que já são utilizados em livros didáticos, contribuirão no aprendizado.

Mas, contrapondo-se ainda o cinema como elemento cultural, Marc Ferro afirma que como,

“...herdeiro de suas origens, por um lado, ele foi considerado uma máquina de vanguarda pelos eruditos e técnicos. Via-se nele o instrumento registrador do movimento e de tudo aquilo que os olhos não podem reter.” *Cinema e História*, Marc Ferro.

E a partir das pesquisas historiográficas, será perceptível a grande contribuição, vinda de “*Marx à escola dos Annales, de Bloch a Braudel, não medindo esforços pelos textos, o discurso sustentado aqui esforça-se por ultrapassar o nível da aparência, a experiência do vivido.*”<sup>7</sup>

As análises que podem ser feitas através do cinema desde o último século até ao que nos faz presente, torna-se um complemento do saber historiográfico, uma aliada à compreensão textual. Assim, devemos salientar que o recorte possivelmente feito a partir de um certo filme, não será meramente ilustrativo.<sup>8</sup>

<sup>6</sup> Idem. Págs, 16 e 17.

<sup>7</sup> FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução e notas Flávia Nascimento, editora Paz e Terra. 2ª edição, São Paulo, 2010. Pág. 55.

<sup>8</sup> FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução e notas Flávia Nascimento, editora Paz e Terra. 2ª edição, São Paulo, 2010.



Em Marc Ferro (2010), uma obra cinematográfica ao ser analisada levará em consideração que sociedade produziu aquele filme, qual recorte histórico e teórico o diretor se encontra e quais sociedades o receberão.<sup>9</sup>

As cenas – elementos presentes no filme – terão que ser compreendidas de tal forma, como imagens que recebem influência de quem as produziu, de como foi organizada, disposição das cores, do *câmera-man* – no que diz respeito à proximidade nas cenas ou distanciamento.

Lembrando ainda que “*de lá pra cá, tanto a noção de documento quanto a de texto continuaram a ampliar-se.*”<sup>10</sup>, perfeitamente colocado nas palavras de Ciro Flamarion e Ana Maria Mauad, na obra *Domínios da História*. “*Desta forma, novos textos, tais como a pintura, o cinema, a fotografia etc., foram incluídos no elenco de fontes dignas...*”<sup>11</sup> permitindo que outros elementos, como o livro didático e os documentos ditos oficiais, que sempre estiveram presentes em pesquisas históricas agora se viam acompanhados de novos elementos a serem problematizados.

Percebendo que teremos que elencar as devidas análises para compreender as influências externas sobre tal elemento, no nosso caso, o Cinema. Pois, sabemos, mesmo que o diretor ou a produção não afirme seu ponto de vista sobre o que o filme aborda ou sobre o que acreditam, mas este estará veiculado às várias análises que no olhar de Marc Ferro, “*o filme fala por si só.*”<sup>12</sup>

Tendo em vista, ainda, o que estará sendo apresentado no roteiro é uma ilusão, ou seja, apenas representação da realidade, levando o telespectador por instantes a crer que é realidade, por momentos nos transportando para o tempo no qual o filme, através do cenário, das vestimentas das pessoas, da trilha sonora tenta retratar, fazendo com que o objeto de entendimento seja alcançado, ou seja, os possíveis discursos e ideias a respeito de algo ali presente.

Em Marc Ferro (2010), uma obra cinematográfica ao ser analisada deverá ser levada em consideração qual tipo de sociedade produziu aquele filme, qual recorte histórico e teórico o diretor se encontra e quais sociedades o receberam<sup>13</sup>. “*Há, então, blocos de unidades*

---

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (orgs). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. 5ª edição. Editora Campus. Rio de Janeiro, 1997. Pág 569.

<sup>11</sup> Idem. Pág. 569.

<sup>12</sup> FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução e notas Flávia Nascimento, editora Paz e Terra. 2ª edição, São Paulo, 2010.

<sup>13</sup> FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução e notas Flávia Nascimento, editora Paz e Terra. 2ª edição, São Paulo, 2010.



*expressivas que remetem, não ao que se vê, mas sim ao que se sabe ou ao eu se aprendeu a ver: um esquema gráfico reproduz as propriedades relacionais de um esquema mental.*"<sup>14</sup>

Como próprio Ciro Flamarion e Ana Maria Mauad afirmam na obra, que as visões de mundo e ideologias estarão sempre presentes nesse fazer filme, pois, caso fôssemos analisar atualmente algum filme que foi produzido em 1950, teríamos uma visão diferenciada se compararmos a análise feita em sua estreia, talvez as pessoas não o percebam em sua totalidade, por viverem nesse espaço, talvez não conseguindo em grande parte absorver a grandiosidade de vários pensamentos à respeito do que o filme trata.

De acordo com Certeau o social será indispensável para a análise. *"É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam"*.<sup>15</sup>

Esse lugar social que será importantíssimo para o olhar histórico deve-se à quais influências o diretor recebeu através das leituras que fez e qual o seu lugar social, enquanto tempo e espaço, este está associado. Com isso, ao analisar o filme, não devemos nos remeter somente à *sinopse* ou possível recorte histórico que o diretor informa em sua obra, mas o por que aquele tipo de olhar, porque utilizar cores frias para remeter à inverno, dentre outros elementos que estarão implícitos, mas também dispostos para análises. Levando em consideração até o lugar social destinado ao Cinema, este que dependendo do recorte que estará inserido, terá objetivos diferentes na sociedade, por exemplo, *"Trotski e Lunatcharski perceberam muito bem o papel que o cinema podia desempenhar como arma de propaganda"*.<sup>16</sup>

Mais além, *"Os soviéticos e os nazistas foram os primeiros a encarar o cinema em toda sua amplitude, analisando sua função, atribuindo-lhe um estatuto privilegiado no mundo do saber, da propaganda, da cultura."*<sup>17</sup>

Imagens intactas como àquelas em quadros, embora também estejam representando algo, não possuem movimento. Talvez por esse motivo o cinema tenha se tornado uma alternativa bem promissora dentro do campo das artes.

<sup>14</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. VAINFAS, Ronaldo. (orgs). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. 5ª edição. Editora Campus. Rio de Janeiro, 1997.

<sup>15</sup> CERTEAU, Michel De. **A Escrita da História**. Tradução de: Maria de Lourdes Menezes. Editora Forense Universitária. Rio de Janeiro. 1982.

<sup>16</sup> FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução e notas Flávia Nascimento, editora Paz e Terra. 2ª edição, São Paulo, 2010. Pág 52.

<sup>17</sup> Idem.





Através dos vários olhares por esse campo, é perceptível que na cinematografia da história<sup>18</sup>, devemos ter bastante cuidado para que sua leitura não se restrinja apenas ao filme e ele, quem assiste, para endossar as possíveis leituras do que está visualizando, precisará também ter um conhecimento prévio sobre o assunto, a respeito do diretor e ano de sua estreia, levando em consideração também o lugar social que o aluno está inserido, ou seja, quais elementos o influenciaram em sua vivência familiar e também como cidadão, atrelando valores e identidade, de uma sociedade que possui características peculiares, complementarará seus ideais.

Libâneo relata uma reflexão socialmente importante para a compreensão dessas condições que são oferecidas a partir de várias possibilidades.

“A prática escolar, assim, tem atrás de si condicionantes sociopolíticos que configuram diferentes concepções de homem e de sociedade e, conseqüentemente, diferentes pressupostos sobre o papel da escola, aprendizagem, relações professor-aluno, técnicas pedagógicas, etc.”  
LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública – A Pedagogia crítico-social dos conteúdos. Pág.19.<sup>19</sup>

Assim, claramente observamos que algumas ferramentas utilizadas por professores deixam perceptível o sucesso da aprendizagem de seus alunos, fazendo com que a aula se torne uma “viagem entre as quatro paredes”. Não apenas uma idealização de algo, mais também atrelada a algum mecanismo utilizado, um debate, diálogo incentivador de conhecimento a ser comentado, que pode partir tanto do professor, como também principalmente do aluno.

Essa perspectiva é abordada nos métodos de ensino dentro da pedagogia progressista com tendência libertadora, embora se acredite que o incentivador para os temas abordados provenham da prática social dos alunos, vemos, dessa forma, que o elemento cinematográfico existe em suas vidas e se faz como força motivadora do saber. Permitindo que o aluno não esteja apenas habituado à fazer tal exercício em sala, ele estará sujeito através da prática em sala, também possuir o olhar crítico em momentos descontraídos. “*Esta análise envolve o exercício da abstração, através da qual procuramos alcançar, por meio de representações da realidade concreta, a razão de ser dos fatos*”.<sup>20</sup>

Nesse olhar crítico, não basta apenas termos em sala, torna-se necessário sabermos que virá acompanhada pelo momento histórico, diante dessa inovação escolar, no que diz respeito

<sup>18</sup> FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução e notas Flávia Nascimento, editora Paz e Terra. 2ª edição, São Paulo, 2010.

<sup>19</sup> LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública – A Pedagogia crítico-social dos conteúdos. Edições Loyola. 22ª edição, 2008. Pág 19.

<sup>20</sup> LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da Escola Pública – A Pedagogia crítico-social dos conteúdos. Edições Loyola. 22ª edição, 2008.



aos conteúdos pedagógicos. Assim é que André Seal se pergunta do por que linguagens alternativas, visualizando uma rediscussão por parte dos professores na década de 1990 percebendo que a reflexão sobre a disciplina, de fato, ocorrerá e se buscará uma construção de um novo ensino de História.

Logo, a partir disso, é possível inferir que a sociedade não é estática, ela é (re)construída a partir das divergências, possibilitando repensar sobre as práticas escolares em sala de aula. Dessa forma contribuindo no processo do aprendizado desse corpo discente.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Angela Marques da. SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Virando Séculos 1890-1914: No tempo das certezas**. São Paulo, Companhia das letras, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. Trad. Marcus Penchel. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1999.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Tradução e notas Flávia Nascimento, editora Paz e Terra. 2ª edição, São Paulo, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: A Pedagogia crítico-social dos conteúdos**. Edições Loyola, 22ª edição, 2008.

